



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC

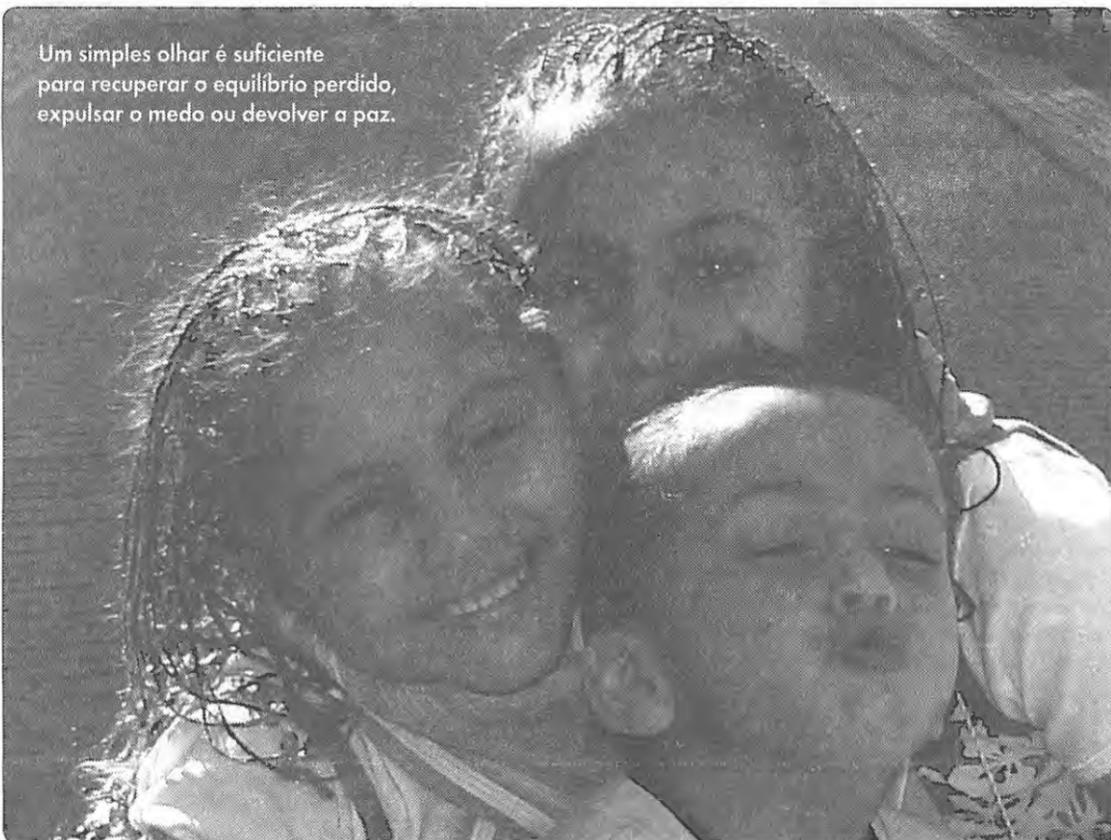
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

5 de Julho de 2008 • Ano LXV • N.º 1678
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239



Não tenhais medo...

FOI com estas palavras de Jesus, ouvidas e meditadas no Domingo passado, décimo segundo do Tempo comum, que norteámos a nossa reflexão da Palavra de Deus. O medo! Sentimento tão estranho quanto humano. A nossa assembleia dominical é, maioritariamente, composta de crianças e jovens. Quase todos habituados a lidar, de forma única, com esse sentimento desde tenra idade. As vicissitudes por que muitos passaram na primeira infância, converteram esse sentimento humano num temível monstro do qual tentam libertar-se, quantas vezes num esforço titânico. Sempre que tentamos acompanhar o percurso escalar, numa dinâmica de estímulo e auto-confiança, lá encontramos esse «polvo» de poderosos tentáculos que os aprisionam às vivências do passado impedindo-os de progredir, tantas vezes, numa linha de êxito e são optimismo. É o medo!

O medo é, de facto, um companheiro na jornada da vida humana. Aprender a lidar com ele, uma tarefa educativa, de uma vida inteira, nos vários fases em que ele se desenrola. A sabedoria na arte de educar está em sober expurgá-lo de manifestações doentias que podem resultar em neurose...

Na vida das crianças o melhor antídoto da medo são as presenças de qualidade relacional; presenças de qualidade afectiva significativa. Adultos seguros, confiantes, pacificados consigo próprios, com o meio envolvente, com os outros e com o Outro.

Não admira que Jesus, ao dirigir-se aos Seus discípulos, Se apresente sempre com a saudação da paz: «a Paz esteja convosco...», principalmente

depois da Ressurreição. De facto, a experiência dolorosa da morte — experiência de perda — exigia uma pedagogia de pacificação cuja linguagem é a do amor, da relação: «Não temais, sou Eu mesmo... tocaí-Me...»

A vida humana só se torna significativa se for positivamente «tocada» desde o noscer até ao morrer. O «ataque» do olhar é dos mais fulminantes e decisivos. Pelo olhar de Jesus muitos decidiram o rumo radical das suas vidas. Um simples olhar é suficiente para recuperar o equilíbrio perdido, expulsar o medo ou devolver a paz.

Continua na página 4

SETÚBAL

Aniversário

CINQUENTA e três anos passados, após o dia 1 de Julho de 1955, data da criação desta Casa do Gaiato de Setúbal, encontramos-nos a celebrar mais um seu aniversário.

Estes momentos celebrativos fazem-nos, sempre, um apelo imediato para olharmos o passado, o presente e o futuro, e reflectirmos a importância do nosso ser e agir no tempo actual, à luz do Espírito que nos conduz desde o início da nossa Obra.

Em relação a um passado não muito distante, salta à evidência a enorme diferença da realidade social em que estamos inseridos, tanto na qualidade dos Pobres, para

MALANJE

Meditando

«**P**OBRES tereis sempre convosco», certo! Assim é. O que mais me choca e dói, nesta estadia em Portugal, é a pobreza envergonhada. Casas bonitas e, até, automóvel... «Vendemos, já, todas as recordações em ouro». Esta realidade atinge, hoje, muitos portugueses.

Outro grande motivo de tristeza: em vez de searas ondulares — campos e montes de gietas e carquejas floridos. Nos quintais — rosas; uma perfusão de flores! Paisagens de sonho e maçãs de Espanha!

Podíamos comer o nosso pão...
Podíamos comer a nossa fruta...
É urgente salvarmos a nossa língua...

Há dias, visitei um centro histórico. A menina do atendimento deu-me um roteiro em inglês. Entreguei-lho dizendo que o desse aos seus chefes. Salvemos, pelo menos, a nossa fala.

* * *

Continuo triste pelas nossas Casas vazias. Que futuro?

Vou pela avenida dos carvalhos e encontro o nosso X que vem da escola. Vai para a mãe. Ela tem o direito — mas sem condições para a sua educação e estabilidade. Quê?, nada a fazer, o menino vai.

Tem acontecido que nos vêm pedir para admitirmos um jovem já viciado e sem sentido de vida, esquecidos de que é um dos X que daqui levaram.

Quantidade de crianças carentes no Brasil, na América Latina e em África...

Apetece-me, profundamente, pegar no meu saquito e ir já. Cortar correntes e levar connosco o legado que Padre Américo nos deixou: *os mais abandonados, os mais pobres e sempre firme o espírito de família.*

Casas pequenas em cidades grandes... Sementes e sementes!

* * *

O Amor! Só Ele é tudo: o primado, a fonte que sacia e dá mais sede; o fio suspenso nos abismos — onde nos agarramos

Continua na página 4

quem vivemos, como na quantidade das situações com que podemos partilhar a nossa vida.

Também a Sociedade nos vê de forma diferente. Uma diferença que é, cada vez mais, indiferença; certamente o resultado de uma Sociedade onde não há, cada vez mais, lugar para Deus, o que a torna, assim, menos capaz de amar.

Deus que é Fonte do Amor e da nossa energia para realizar o trabalho em favor dos Pobres. Sem Ele nada podemos fazer; com Ele nada é impossível.

Embora em menos quantidade, continuamos, no entanto, a encontrar no nosso caminho Rapazes com sede de uma família. Com sede de um pai e de uma mãe, embora alguns os tenham tido, com mais ou menos êxito nessa relação tão necessária e fundamental à vida. Os remendos com que muitas vezes os progenitores procuram tapar a ruptura que esvaziou a relação familiar, não obtiveram resultados eficientes, antes criaram um cancro que tornou doentes as relações entre as partes.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Um «olá irmão, em Jesus Cristo necessitado», do assinante 75292, Delfim Dias, de Bucelas, com 75 euros, para «socorrer os nossos irmãos mais necessitados», com um incentivo a continuarmos «sempre».

Um bem haja a um Amigo de S. Mamede de Infesta que vai fazendo depósitos, todos os meses, no Millennium BCP: em Abril foram 230 euros e em Maio 250 euros.

A Lourdes, do Cacém, «como de costume», continua a enviar os seus «pósinhos para os mais pequenos». Da última notícia que aqui temos, foram 30 euros.

De Leça do Balio, a assinante 72561, Rosa Ferreira, enviou-nos também 30 euros.

Outros 30 euros, de Avintes, da assinante 79482, Otilia Silva, «para aliviar as dores dos pobres» e para serem «aplicados de acordo com as vossas prioridades».

De Ponte de Sor, o assinante 59467, Dr. António Graça, enviou-nos 70 euros «com Saudações em Cristo».

Do Porto, a assinante 61193, Maria Virgínia Camiña, enviou-nos também uma «pequena ajuda» de 50 euros, «pedindo a Deus que ela seja multiplicada».

De Paço de Arcos, uma assinante e Amiga de há muitos anos, Maria João Botelho, tem enviado donativos para as Casas do Gaiato de África e para a nossa Conferência, que o senhor Padre João tem dividido em partes iguais para estes dois destinos. Das últimas notícias que aqui temos foram 700 euros por altura da Páscoa e outro tanto há uns dias atrás.

De Perosinho, um assinante de há muitos anos, Vasco Silva, enviou-nos um cheque com uma «pequena ajuda» de 100 euros e o pedido de uma «oração ao Senhor por uma intenção particular». Não o esqueceremos.

Outra assinante de há muito anos, Maria Luísa Araújo, da Régua, com um cheque que quis que fosse partilhado entre a Casa do Gaiato e a nossa Conferência, ficando para os nossos Pobres 500 euros.

Da Paróquia de Tomar chegou-nos um envelope com 50 euros lá entregue «para os mais necessitados» por alguém que assina simplesmente por «Judite».

De alguém que também assina simplesmente por Beatriz, chegaram-nos 300 euros, certamente muito sofridos. Na sua carta diz-nos que a «vida não está nada fácil» é que está «a viver uma fase muito complicada». Não a esqueceremos nas nossas orações.

Finalmente, de Ovar, do assinante 42971, Edgar Carvalho, 30 euros para os «mais necessitados e, em geral, mais envergonhados», dizendo que não precisamos de agradecer, mas nós não queremos deixar de o fazer.

Realmente, é para «os envergonhados» que está a ir uma boa parte das ajudas que vamos recebendo. Outra parte é para os idosos. Sobre estes e sobre como a nossa Conferência e a

Conferência Feminina de Paço de Sousa se complementam no apoio que lhes prestam, falaremos numa próxima crónica.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Depois de nos termos sagrado campeões do *Inter-Casas*, fomos, agora, jogar com os Juniores do F. C. Penafiel, em campo relvado — o que para nós não é novidade.

Tivemos que começar o jogo às 15h00, já que, logo a seguir ao nosso, havia um outro no escalão de Infantis: Penafiel-Tirsense.

Em relação ao jogo, não foi fácil. Mesmo assim, com golos de «Bolinhas» (1), um golão de livre; «Bonga» (1); Ricardo Sérgio (1); Abílio (1) e Ilídio (2), conseguimos empatar, depois de uma segunda parte fabulosa de futebol, com humildade, com coragem, com garra e com muito espírito de sacrifício, para que os nossos créditos não descessem na pontuação do «ranking nacional»! E esta hein?!

Somos assim! Quando queremos, ninguém, dentro das quatro linhas, nos bate o pé, desde que haja, por parte do «adversário», *fair-play* e desportivismo. No entanto, também já tem acontecido subestimarmos o «adversário» e, aí, deitarmos tudo a perder. Mas o saldo é positivo!

Neste jogo, depois de estarmos a perder por 5-1, Abílio e Ilídio que estavam no banco, entraram e revolucionaram tudo. Dando mais ânimo, mais alegria e muito mais velocidade ao jogo, que me parecia estar um pouco adormecido. O calor também convidava a isso mesmo. Daí, o empate com sabor a vitória.

Foi uma época em cheio: Campeões do *Inter-Casas*; 24 jogos; 95 golos marcados; 52 sofridos; 16 vitórias; 6 empates e 2 derrotas. Os melhores marcadores foram: Abílio (20 golos), «Bolinhas» (18), Agostinho (12), Ricardo Sérgio (10), Rogério (9), Ilídio (8) e «Bonga» (7).

Com este jogo, damos por encerrada a nossa época desportiva. O calor começa a apertar, toda a gente entra de férias, e nós, também precisamos um pouco de folga. Nós todos! É bom que cada um faça uma reflexão séria, e tome uma decisão firme, para a próxima época. Não é bom para ninguém, aquele tipo de atitude: *apetece-me; vou; não me apetece; não vou*. Isso é para aqueles que não sabem o que querem e que normalmente andam ao sabor das ondas..., revelando, assim, pouco sentido de responsabilidade! Há compromissos e é preciso saber respeitá-los.

Não tenhamos medo de acolher com um coração humilde e atento a mensagem que por vezes se tenta fazer passar nos treinos e nos jogos; em nada nos diminui. Pelo contrário: eleva e ilumina o melhor caminho a seguir. O que é preciso, é ter boa vontade, muita humildade e saber escolher as companhias e os «conselheiros»...! Lá diz o ditado: «Diz-me com quem andas e eu dir-te-ei quem és».

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ENCONTRO — Como noticiámos em tempo oportuno, os preparativos para o encontro anual na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no dia 20 de Julho, com almoço e merenda oferecidos pela Casa, já começaram.

Relembramos que podes participar com o que tiveres gosto, para a sobremesa ou merenda. Também, para a reunião, durante a manhã, da Associação e para a apresentação das listas dos que se queiram candidatar.

Chamámos a atenção para o facto das presenças serem confirmadas, quer por telefone, e-mail ou escrito. E, até agora, nada!...

Todos os dias somos informados pelos *media* sobre a subida dos preços dos bens essenciais e os orçamentos familiares ressentem-se.

Nós também somos uma família que sente a dificuldade dos tempos. Mais, batem-nos à porta diariamente pessoas a procurar ajuda neste particular.

Estamos atentos aos exemplos descritos n' O GALATO, pelas Conferências e pelo Património dos Pobres, e não podemos esbanjar ou estragar alimentos. Daí que voltemos a repetir a necessidade de serem confirmadas as presenças, para que os nossos cozinheiros saibam com quem contar, sem carregar com *sobras* os Rapazes.

Assim, voltamos a repetir o pedido: se pensas vir e trazer a família, avisa-nos, até 12 de Julho, pelo telefone 255752285, telemóvel 919699361, e-mail: aagnorte@gmail.com.

Até lá, ficamos a aguardar o vosso contacto.

Júlio Fernandes

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

15 DE JUNHO — Realizámos a nossa Assembleia Geral, em clima vago, sem alma e brilho. Tudo porque a ausência do calor humano, de confraternização, foi uma miragem. Desde a presença de alguns órgãos sociais e pouco mais de um grupo de participantes; conseguimos, apesar de tudo, criar um clima agradável e participativo.

Falou-se de pontos bastante importantes. A casa, que está cedida a um nosso colega, na Tetra, em Setúbal, foi um dos pontos mais quentes. A incapacidade da Associação conseguir manter essa casa, num ponto organizacional, vem-se arrastando há anos, criando um clima de dependência de todos os meios devido à deficiente e débil estrutura financeira, de forma a conseguir os objectivos que a Associação tem de executar. Para agravar ainda mais a fraca e desleixada obri-

gação dos associados em cumprir com as quotas, manda-nos directo ao abismo. Suportar o IMI, a quotização do condomínio, porque o amigo não o faz, provoca saturação e cansaço. Assim, só temos que verificar, arranjar, procurar soluções que possam ser viáveis e bem conduzidas.

Ficou determinado avançar para a cedência dessa casa a uma organização estruturada e habituada a casos complicados junto de pessoas que precisam apoio mais próximo e constante. Tudo porque os órgãos sociais, que compõem a Associação, só dispõem de tempos livres aos sábados de tarde, ou domingos, e nem sempre a disponibilidade é possível.

O nosso Presidente, Américo Pinto, salientou que gostaria de receber mais convívio na nossa Sede, que é no Lar de Setúbal, com entrada pelo portão das oficinas. Apelando que sejamos mais regulares, vindo tomar um cafezinho no nosso bar, dando-nos o prazer da visita.

Também se precisa de mais dois elementos para completar os órgãos sociais da Associação, mormente a vaga de Tesoureiro.

Aguardamos a sua visita.

César Amante

SETÚBAL

FÉRIAS — Culminou mais um ano lectivo e deu-se início ao Verão. O ano escolar deste ano não foi assim tão diferente do anterior, embora alguns Rapazes frequentassem outros anos escolares mais adiantados. Tendo terminado a Escola, agora os Rapazes aguardam pela praia. Todos gostam da praia, gostam do mar e gostam de sentir a brisa que passa na Serra. Mas há determinadas coisas que alguns dispensam, ou não ligam, porque acham que não valem a pena e que não lhes é importante — como a Escola. Esses não merecem as férias, porque já as tiveram durante todo o ano, ao não ligarem à Escola. Todos os anos, nós Rapazes, desfrutamos de umas merecidas semanas de férias na nossa casa da Arrábida. Alguns, vão no primeiro grupo, designadamente os mais pequenos com outros de meia idade para os orientarem; e no segundo grupo os mais velhos. Já começámos o nosso tempo de descanso e gostávamos muito de o aproveitar melhor que no ano passado, porque é difícil contentarmo-nos com pouco. Vamos a ver como corre este tempo de férias.

OBRAS — Já há tempos que se fala daquela tal passagem de fácil acesso ao nosso pavilhão de jogos, que está quase pronta. Esta passagem facilita mesmo o acesso e os Rapazes consideram-na uma ajuda muito grande, já que para irem ao pavilhão têm de dar uma volta muito grande, mas mesmo assim difícil. Provavelmente ao longo das férias de Verão, a passagem já estará finalizada, ou, se não, estará mesmo no final. A nossa Casa também sofre remodelações, tal como todas as outras e, por isso, temos sempre os nossos espaços mais bonitos e melhores.

TRABALHOS — Ultimamente os nossos carpinteiros têm andado ocupa-

dos com os bancos da nossa Capela. O Ângelo, o André Machado e o «Fabinho» andam, agora, a aplicar um produto para o bicho da madeira, que atacava os nossos bancos. Os serralheiros também têm andado no trabalho. O Nuno e o «Caras Lindas», juntamente com o mestre da serralharia, o senhor Renato, andam de volta da vacaria a arranjar os raspadores dos corredores das vacas. Enquanto isso, também estiveram na piscina, onde colocaram, num espaço vazio, um cabide para os Rapazes colocarem as suas toalhas e roupa.

Daniilo Rodrigues

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Vieram alguns dias de calor e aproveitámos para cortar a palha de aveia dos vários campos que semeámos. Ficou a secar, algum tempo, para ser enfardada, o que aconteceu a 24 de Junho, dia de S. João. Que rico dia... de trabalho de equipa, num ambiente de festa, em que alguns carregaram centenas de fardos de palha, para o atrelado do tractor, enquanto outros os arrumaram no palheiro. Tivemos mais fardos que o ano passado e a palha é melhor, em especial a semente nacional, o que é bom!

Ao milho não pode faltar água, nesta altura de crescimento. Por isso, o Fábio não se pode descuidar.

O batatal, da terra nova, conseguiu resistir à moléstia e ao escaravelho, e está bom. Com os tratamentos e a rega, pode produzir bem. No campo do lameiro, correu mal a cultura, por causa das chuvas que o alagaram.

Na horta, temos muita couve serrana, os feijoeiros foram estacados, os tomates querem vingar e o cebolo foi atacado pelas ervas daninhas, em especial a junça. As abóboras, no pomar, têm sido regadas e estão boas.

Nos pomares de citrinos, temos cortado ervas para os gados. É preciso plantar algumas árvores, porque secaram. Apanhámos fruta das nespereiras, ameixoeiras, pessegueiros e macieiras, para comermos todos nas refeições. Não vale ir à fruta.

O Senhor Padre Daniel é nosso Amigo e deu-nos uma máquina nova de cortar relva, que veio fazer jeito na jardinagem. Bem-haja!

BENS ALIMENTARES — Damos conta de mais algumas dádivas, que muito agradecemos. Assim, os alunos do 8.º A, da Escola EB 2-3 do Senhor da Serra — Ferrer Correia, com a Professora Cristina, continuaram com a sua campanha; e compraram géneros alimentícios e produtos de limpeza, para a nossa Casa, que fomos buscar. Dessa Escola, ainda recebemos uma partilha de vários alunos de Educação Moral Religiosa Católica. Uma Pastelaria de Miranda do Corvo tem-nos dado bolos que sobram, para a nossa merenda. Desta Vila, recebemos alguns sumos. De Vila Seca, chegaram mais batatas. E, de Lamas, um casal jovem de Amigos, com os seus filhos pequenos, trouxe-nos pêssegos e uma partilha generosa. A todos a nossa gratidão!

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 50.700 exemplares

Património dos Pobres

VOLTEI a casa da Ana de que vos falei no último jornal. Deus sabe porquê. Eu não sei. Sinto que os Pobres ficam de tal modo agarrados a mim que as suas dificuldades, pecados e dores me perseguem dia e noite. Eles enchem-me a alma de tal modo que todo o meu pensar e sentir, é sofrer com eles!...

Levei-lhe uma cómoda, dois roupeiros e um armário para que a roupa não andasse por lá, aos montes, influenciando negativamente a educação dos filhos.

Como o chão cimentado da casa não está em nível, foi preciso ir lá o carpinteiro dar um jeito aos guarda-vestidos e aproveitou para pôr fechadura num deles, para que a mãe tivesse um lugar seguro, onde guardasse o dinheiro, livre da cobiça dos miúdos, quando se ausenta, para um curso profissional que está a fazer e lhe dará a equivalência do sexto ano.

Carregámos os móveis de Lisboa, num sábado, com uma camioneta emprestada e a ajuda de dois Rapazes, recentemente saídos da Casa do Gaiato de Setúbal e, na segunda-feira, após o dia de trabalho, com outros dois, ausentados há mais tempo.

Foi uma alegria enorme para mim, verificar a generosidade deles, o seu incansável esforço transportando dum segundo andar, pelas escadas, em braços, as pesadas mobílias e a felicidade com que o faziam!... Parecia-me colher os frutos de uma educação certa e tão contestada, por gente que nunca educou ninguém. Nada como a experiência para firmar os conceitos.

Descarregámos em três lados, com redobrado contentamento!...

Quando chegámos à Ana foi uma festa: — *Olha fulano, olha sicrano!... Eram tão pequeninos e estão uns homens!...*

Foram beijos e abraços em júbilo inocente e casto, como irmãos que se não viam há muito tempo!...

Não me escapou um pequeno pormenor: Os meninos tinham melhor cara: estavam mais gordinhos. Pediam-me somente voltar com eles ao hipermercado. Logo que possa satisfazer o seu desejo e as necessidades da mãe.

* * *

O Africano paraplégico internado às nossas custas, num centro de recuperação física, teve alta, na sexta-feira, dia 6 de Junho.

Restaurou a perna esquerda, aprendeu a andar a partir de si mesmo, mas não deixou, por enquanto, a cadeira de rodas.

Aguarda, agora, no nosso Lar, em Lisboa, que lhe façam um aparelho, adaptado à perna direita para aprender a andar. Quando o instrumento estiver pronto será chamado para se adaptar a ele.

Foi um sufoco económico, só ultrapassável com ajuda de Deus através do Centro Paroquial da Anunciada de Setúbal e de muitos amigos que o Senhor pôs no meu caminho.

O empenho das pessoas mais Amigas, no plano da sua recuperação, arrefeceu um pouco, por reivindicações ingénuas e insensatas da sua esposa que, por se ver acarinhada, se julgou importante, esquecendo o seu estatuto e condição. Fomos vencendo estes escolhos com a Fé que nos determina, iluminando os outros, e procurando desculpá-la, referindo a nossa experiência relacional com pessoas singelas do Continente Negro e de outros pobres a quem servimos, vendo neles sempre, e só a PESSOA de JESUS que tudo merece.

* * *

Aquele rapaz, vítima de drogas desde os 16 anos, e agora com 31, que abandonara o Vale de Açor — Obra da Igreja para acudir aos caídos nos vícios estupefacientes — voltou por sua livre vontade, mas aquilo foi sol de pouca dura.

A miséria tem muita força, e muito mais, quando é drogada.

Já regressou à sua aldeia e ao sofrimento da pobre e desprotegida mãe.

A Deus nada é impossível, mas é necessário que esteja aberto o coração do homem. Ele é capaz de o abrir, mas os Seus desígnios são insondáveis.

Convém analisar, pelo menos, alguns pecados sociais abatidos sobre a sua pessoa. Ele não sabe ler. Não frequentou a catequese que lhe daria, pelo menos, alguns princípios e formaria melhor a sua consciência humana. Faltou-lhe a paternidade que ninguém substituiu. Não aprendeu a trabalhar nem nunca saboreou o gozo da responsabilidade pessoal. Foi educado como os coelhos na selva, ao sabor dos instintos. Encontrou droga aliciante e fácil na idade das ilusões. Aí temos o resultado.

* * *

Na minha peregrinação pelos Pobres encontro situações que além de me fazerem sofrer me obrigam a pensar e a expor.

Era uma destas tardes quentes de Junho. O sol já perdia a força do calor, que não a sua luminosidade. A mãe plantava umas florinhas no quintal, lavrado de fresco, e com ela entabulei conversa, começando pelo seu trabalho e a convidativa beleza que as flores iriam dar à entrada da sua casa.

Pareceu-me, logo, que aquela pobreza era envergonhada, tal a desconfiança com que me recebia e o modo apoucado como me falava. Foram outros a trazer-me informação das privações e dificuldades familiares ali vividas.

Com alguma resistência me levou até à porta de casa, aberta do lado de trás, com um alpendre.

Pelo desalinho dos restos de móveis partidos, loiças e roupas velhas, rudimentares instrumentos agrícolas atirados ao acaso pelo alpendre e pátio fora, observando um menino nu, de quatro ou cinco anos, sentado na terra a brincar, fui-me apercebendo do nível de vida daqueles irmãos.

Saindo de casa para a nossa conversa apareceu o pai, homem de vinte e cinco anos, baixo, de aspecto rude, cara redonda, barba negra por cortar, olhos avermelhados exalando angústia, o qual me foi desafiando o novelo das incapacidades presentes.

Haviam-me dito que não tinham casa-de-banho. Perguntei e confirmaram não ser verdade. Tinham, sim senhor. Ele próprio assentara os azulejos e as louças.

Trabalha em Sines para um patrão que tem lá obras. Todos os dias sai às seis da manhã e regressa à noite. Da sua casa ao local onde se encontra com os colegas, para irem na carrinha do empregador, são dois quilómetros.

Comprara um carro velho, mas como não tinha carta e fora apanhado pela G. N. R. e multado, resolveu vendê-lo e adquirir uma motorizada em segunda ou terceira mão, mas continua sem carta.

O programa do código da estrada para conduzir uma motorizada, agora, é igual ao da condução de um veículo ligeiro, o que representa, para ele, uma enorme dificuldade. Prontifiquei-me a pagá-lo a carta mas parece-me que ele não é capaz. Mal sabe ler. Fez um quinto ano quando as passagens eram administrativas. Erros quase só de outros, cujas consequências, presentemente, caem todas sobre ele e a sua família.

Estava a pagar ao Tribunal, até Outubro, 72 euros por mês (a mulher foi dentro de casa e, além dos papéis do Tribunal para eu ver, trouxe, ao colo, outro menino), quando na véspera, antes das seis da manhã, fora, de novo, multado a caminho do trabalho.

O relato feito pelo senhor era acompanhado de viva emoção e incontida revolta e um mar de lágrimas da esposa, a cair sobre o bebé ao colo.

Puxei de um envelope que me haviam dado e tirei 80 euros: — *Tome lá, é para a multa deste mês.*

Eu não quero que o meu amigo conduza sem carta, Deus me livre! Põe a sua vida em risco e, sobretudo, a dos outros. Queria, sim, que fosse ajudado. Que o advogado officioso fosse ver a sua vida antes de o ir defender em Tribunal, que lá, perante o Juiz, defendesse esta família mostrando as suas amplas carências. Que ao multado fossem facilitados meios, tempo e pessoas para o instruir, que a Segurança Social estivesse ao lado deles!... Este senhor precisa de trabalhar para viver dignamente e governar a família. Senão,
Continua na página 4

ESCOLAS — Os Rapazes do 1.º Ciclo (Diogo, Igor, Joaquim e Luís) terminaram as aulas, a 20 de Junho. Foi um ano lectivo cheio de vida, na nossa Escola, durante todo o dia. Os alunos e alunas, nossos vizinhos, que a frequentaram, almoçaram connosco e andaram contentes; e, nos intervalos, jogaram futebol no nosso campo e brincaram no parque. A Professora Ângela fez um bom trabalho, auxiliada pela D. Zélia. No dia 12 de Junho, pelas 19h00, decorreu uma festa bonita e alegre, de final de ano escolar, com várias actividades. Houve declamações, canções, representações e teatro, com a nossa peça, habitual, «O barbeiro». No final, houve um jantar partilhado, pelas Pais, nas mesas debaixo das árvores, ao pé das oficinas.

Os Rapazes que frequentaram, na Escola EB 2-3 de Miranda do Corvo, o 5.º ano (Arlindo, Bacar e Madi), o 7.º ano (Belizário) e o 8.º ano (Rui; Bruno Neves, Carlos Neves, José, Luís Omar, Miguel e Paulo), entraram de férias

escolares. Isto porque há muito que fazer, na nossa Casa, em especial na agricultura.

Os Rapazes que andaram no 9.º ano (Gerso, Leandro e Reinaldo), fizeram os exames nacionais, de Língua Portuguesa e Matemática. Vão mudar de Escolas, para frequentarem o 10.º ano.

O Rúben Silva, no 8.º ano, da Escola EB 2-3 Senhor da Serra, deu início, a 23 de Junho, a um estágio de Jardinagem e Espaços Verdes, num Horto de Coimbra.

O Ricardo, no 8.º ano, da Escola EB 2-3 da Lousã, começou a estagiar, a 25 de Junho, numa Serralharia em Miranda do Corvo.

O nosso Lar do Gaiato, em Coimbra, nesta época, sem aulas, deixa de ter Rapazes residentes.

Aguardamos, serenamente, os resultados das avaliações finais e quem dera que haja muitas passagens de ano. Alguns podiam ter feito bem melhor, mas distraíram-se.

COLÓNIA DE FÉRIAS DA PRAIA DE MIRA — A nossa Casa do Gaiato tem uma moradia, que precisa de reparações, na Praia de Mira, à Rua do Gaiato, mandada construir pelo Senhor Padre Horácio.

Durante o Verão, de cada ano, passamos férias nesse lugar, em alguns turnos.

Acontece que, nas outras estações, a casa fica sujeita aos intrusos: o que sucedeu, outra vez.

Infelizmente, as fechaduras das portas foram arrombadas e deixado lixo no chão.

Por isso, a 17 e 18 de Junho, foram-se consertar as portas, limpar a casa e os pátios, colocar uma vedação no muro da entrada, e plantar vários pés de um arbusto (lauros). Foi uma despesa grande.

A casa foi cedida, entre 19 e 27 de Junho, a um grupo de velhinhos de Castelo Branco.

Boa estadia!

Alunos do Alternativo

Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

CASAS DO GAIATO:

PORTUGAL

Casa do Gaiato de Paço de Sousa
Mosteiro
4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt

Casa do Gaiato de Beire
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo
Bujos
3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt

Casa do Gaiato de Setúbal
Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

ANGOLA:

Casa do Gaiato de Malanje
C. P. 192 MALANJE
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

Casa do Gaiato de Benguela
C. P. 820 BENGUELA
Tel./Fax: 00244 272 232 266
E-mail: gaiatobenguela@netongola.com

MOÇAMBIQUE:

Casa do Gaiato de Moçambique
Boane
C. P. 591 MAPUTO
Tel.: 00258 21 49 52 48 • Fax: 00258 21 49 52 49
E-mail: gaiato.maputo@tropical-web.com

CALVÁRIO

Calvário
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178

LARES DO GAIATO

Lar do Gaiato do Porto
Rua D. João IV, 6B2
4000-299 PORTO
Tel./Fax: 225 370 300

Lar do Gaiato de Coimbra
Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Tel.: 239 712 648

Lar do Gaiato de Lisboa
Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.
1200-791 LISBOA
Tel.: 213 966 333

Lar do Gaiato de Setúbal
Rua Margado de Setúbal, 91
2910-672 SETÚBAL
Tel.: 265 537 798
Oficinas:
Rua Camilo Castelo Branco, 22-A
2910-444 SETÚBAL
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

Lar do Gaiato de Luanda
Rua Ferreira do Amaral, 80
C. P. 1788 LUANDA — ANGOLA

LARES DE FÉRIAS

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
4480-164 AZURARA

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
3070-342 PRAIA DE MIRA

Lar de Férias da Casa do Gaiato
Portinho da Arrábida
2925-378 AZEITÃO
Tel.: 212 180 527

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Lar do Gaiato de Coimbra
Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Telem.: 934 612 499

BENGUELA

O caminho passa pela Escola

TUDO o que somos e temos é para os filhos que nos chegam de fora. Vêm sem nada, a não ser a fome e sede de amor, feito carinho e atenção. Nos seus corações, a dimensão mais profunda das suas pessoas, está guardado o tesouro que o educador ajuda a descobrir e a pôr à luz do dia, por todos os meios ao seu alcance. Os educadores que o são, de verdade, na sua humildade e paciência, situam-se na linha dos artistas das obras mais ricas e mais belas do mundo: A pessoa humana. Os pais devem estar em primeiro lugar.

Há momentos, ao dar uma volta pelo recinto da escola, fui surpreendido pela corrida dum grupo dos mais pequeninos que só me largaram quando dei um beijo a cada um. É necessário, agora, acompanhá-los. Está aqui o segredo do crescimento equilibrado. É o acompanhamento. Por isso, durante as 24 horas do dia, estes filhos estão no centro das nossas atenções. Mas não chegamos. Quem dera hou-

vesse mais alguém, queimado ou queimada pelo fogo do Amor, se dispusesse a dar a sua vida juntamente connosco!

Dois rapazes, já adolescentes, foram acolhidos em nossa Casa, a título excepcional. Vieram de muito longe. As pessoas interessadas, perante o ambiente desgraçado em que viviam, bateram à nossa porta. Decidimos fazer a experiência com eles. Cortámos-lhes a trajectória da penitenciária, abrindo-lhes a porta para a vida digna de cidadãos normais. O caminho passa pela escola e pela ocupação dos tempos livres numa forma útil para o seu futuro. Os seus companheiros, de quem se tornaram irmãos, têm um papel insubstituível na construção da sua história. Há dias, na reunião regular dos chefes da comunidade, tocava neste ponto basilar: A nossa Casa será o que forem os seus responsáveis. Os Chefes estão postos como luz sobre o candelabro para alumiar o caminho dos que vivem com eles. Quem dera assim seja!

Vivemos nesta esperança. Nossa vida está assente sobre eles.

Algumas mães pedem-nos para abrimos as portas das nossas oficinas aos seus filhos, nos tempos livres da escola. Vêm o ambiente degradado, à sua volta, e têm medo que se percam. Estão sozinhas a levar a vida dos seus lares. Fazem parte da nossa família de fora. Vamos ajudá-las. É interessante juntar a vertente escolar à vertente profissional, quando a idade o permite. É uma mais-valia para as suas vidas futuras. Desta forma, estamos a preparar os filhos de Angola, sem o suporte natural e seguro da família, a viver como cidadãos dignos.

Mais escolas estão a ser construídas nos centros onde as crianças estavam fora da escolaridade, ou tinham aulas debaixo das árvores. É um bem indispensável para o crescimento normal dos filhos desta mãe terra. Estamos, também, presentes neste acontecimento histórico com o fornecimento de carteiras e outros materiais escolares, executados nas nossas oficinas de carpintaria e serralharia pelas mãos habilidosas dos nossos Rapazes, ajudados pelos seus mestres. Quanto nos alegra também esta forma de colaboração!

Estamos a aguardar com muita esperança a ajuda necessária para a recuperação de parte importante das nossas casas de habitação, que se foram degradando ao longo dos anos. Não queremos desanimar!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Ele há muita gente que cuida ser a elevação moral de um Povo obra de meia dúzia — e não é assim: Toda a Comunidade é chamada às armas.

PAI AMÉRICO

Património dos Pobres

Continuação da página 3

em vez de Justiça, faz-se uma grande injustiça, origem de incompreensão, lágrimas, revolta e sofrimento.

Procurei consolá-los e as distâncias dissiparam-se, bem com a desconfiança inicial.

Entrei, então, na pobre morada para ver a casa-de-banho. Só a sanita funcionava. Não havia água quente. A banheira repleta de roupa suja indicava a sua inutilidade. O desarranjo de toda a casa arrepiava! Ai, minhas ricas Conferências Vicentinas!... Como me lembrei de vós!

Encomendei um termo-acumulador e, para a semana, vou levar-lho.

Dá-me, Senhor, lucidez. Que estes passos sejam os Teus! Já que tanto amas os Pobres por quem mais facilmente Te revelas e nos dá autoridade!...

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

para dominar as margens; alavanca que nos catapulta para novos mundos; a força que nos verga para beijar uma criança e afagar um pobre; a misericórdia e o perdão que nos sustentam no tronco escorregadio e curvas revoltas do rio; a fechadura hermética que na porta de bronze guarda a nossa fé e a nossa esperança. Se formos crianças indefesas, Ele nos pegará e levará ao colo. Custa ser criança e reconhecer a nossa fraqueza de criança; abdicar do nosso eu; atirar fora o trapo sujo da nossa importância; sermos capazes do nosso abandono — depois, de mãos estendidas, a total entrega ao Senhor e ao Outro. Eu sou o Outro! Tu és o Outro!

Mais nada... A maravilha do amor no coração de Deus!

Padre Telmo

Escola

O ano escolar está nos últimos suspiros. Se os nossos objectivos encontrassem satisfação em estatísticas cor-de-rosa, teríamos de dizer que até não foi nada mau, pois teve geralmente morte serena e pacífica. O que pergunto é: Se a actividade escolar é para nascer e morrer; ou, pelo contrário, terminar em vida, em antecâmara de mais vida que se deseja e espera sempre mais autêntica no ano que se segue. E o que se observa na vulgaridade é um suspiro de alívio, «este ano já está!», sem se reparar na forma como «está», plena de vazios e, tantas vezes, fruto de uma *engenharia* montada para fazer passar alunos mal preparados que não auguram mais vida, sempre mais autêntica, para o ano seguinte.

Ora, se esta *filosofia de adiamento* invadisse a Engenharia da construção civil, deixando alicerces facilitados e assim os outros pisos até ao fim da torre projectada?... — a vaga de desmoronamentos que não seria! O homem é muito mais do que um prédio; mas também ele se vai construindo sucessivamente por estratos, cada um garante do seguinte.

No sistema escolar em uso, a Memória tem sido tratada como faculdade tabu. Tabuadas... para quê?, se há uma caixinha com botões que faz contas! História, Geografia, Ciências Naturais, Letras..., em que o exercício da Memória é indispensável, a ignorância é crassa, como se verifica, até, em concursos televisivos. O sistema de ensino modular não confessa mas estimula à facilidade de esquecer. O progresso parece convidar o homem a transferir para bases de dados mesmo aquilo que devia estar em primeiro plano na sua Memória. É uma cultura de dependência que, parecendo libertar o homem, também o hipoteca relativamente a valores de que devia ser o guardião cioso. É um progresso falseado porque alienante, que faz das tecnologias o seu alvo, votando o enriquecimento pessoal, esforçado, voluntarioso, para segundo plano na construção do homem.

Despreza-se o valor cultural de gerações desaparecidas, tipificadas no trabalhador rural, laborioso, competente e que mesmo sem o conhecimento de uma letra (o que foi grande prejuízo!) sabia ir ao mercado fazer as suas compras e vendas, sem se enganar nas contas realizadas por cálculo mental, a única *calculadora* de que dispunha. Hoje pretende-se que a Escola faça gente portadora de um certificado da escolaridade obrigatória e, apesar disso, tão analfabeta quanto essas e muito mais que eles indefesos, porque lhes faltou treino de vida para a vida.

É, pois, todo um clima de inVerdade, de desnaturalização que constitui o nosso tempo uma Sociedade de Deseducação que corre de cima para baixo como a água dos rios, mas sem o potencial fertilizante destes. No seio dos povos há muitos incapazes de aproveitamento escolar que seriam capacíssimos de actividades úteis à Sociedade e ao ganha-pão a que têm soberano direito sem esta mentira de uma igualizada escolaridade obrigatória a que muitos chegam mercê da tal *engenharia* já citada e por um preço de deformação pessoal que constitui terrível menos-valia para eles e para a Sociedade. Como vai ser difícil dar-lhes rumo na vida em estado de natural e saudável integração!

A três dos nossos, moços bem dotados que acompanhei na preparação da prova de Matemática do 9.º ano, experimentei a ingrata surpresa de não conseguirmos concluir um exercício àquele nível porque nenhum foi capaz da última operação: dividir por 2 um número de quatro algarismos. E verifiquei a preguiça para raciocinar, de habituados a algo de exterior a que recorrer que os tem dispensado do raciocínio próprio.

A outros dois que penosamente frequentaram o 5.º ano, vamos aproveitar a disponibilidade da Professora que já os apoiou nos trabalhos de casa, para um regresso intensivo à terceira e quarta-classe primárias, na mira de lhes facilitar progresso no próximo ano lectivo.

Padre Carlos

Setúbal

Continuação da página 1

Quem está doente precisa de cura. É esta parte que nos é pedida e que procuramos cumprir. Mais do que uma cura técnica, estes doentes necessitam de uma transfusão de vida, de disponibilidade, de acolhimento e de esperança. São estas as suas carências maiores, que só meios humanos, em primeiro lugar, poderão preencher.

Quer isto dizer que são as pessoas com capacidade de doação, por amor, pessoas como as demais, com virtudes e defeitos, que serão capazes de estabelecer esta transfusão com os Rapazes sem família. Não quem primeiramente saiba muito, mas quem, sempre, se dê muito.

Estas são as necessidades principais para que o futuro exista.

Padre Júlio

Não tenhais medo...

Continuação da página 1

Ficarão na memória de todos, crentes e não crentes, as palavras que deram início ao longo e fecundo pontificado do saudoso Papa João Paulo II, que sucedeu ao «Papa do sorriso», João Paulo I: «Não tenhais medo... abri as portas de par-em-par a Cristo». O nosso mundo anda demasiado sisudo... É urgente mostrar vidas que foram um autêntico sorriso de Deus. É urgente «procla-

mar sobre os telhados» as confidências de Deus em corações puros, misericordiosos, pacificadores, justos...

É urgente exorcizar das consciências o medo de Deus, gritar que o homem «vale mais que os passarinhos...», que toda arquitectura ecológica do cosmos, que Deus cuida dele desde as profundidades mais recônditas do seu ser até à mais microscópica «zona capilar»: «Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados».

Padre João